



## CULTURA(S) E ARTE(S): UM (NOVO) DEBATE SOBRE ESTÉTICA(S)

Lucas Leal<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo discutimos conceitos de ‘estética’ artístico-cultural para compreender aspectos políticos, filosóficos e pedagógicos sobre a arte. Tomamos como base um estudo de caso, feito no Projeto de extensão Universitária *Universidade das Quebradas* da UFRJ, que a 3 anos forma gestores de cultura e arte contemporânea na cidade do Rio de Janeiro com sujeitos oriundos de comunidades populares. Suscitam-se o pensamento de Buarque de Hollanda (2004) sobre os Estudos Culturais e a animação cultural, considerações base para o Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ). A principal questão debatida é a passagem da cultura moderna para a contemporânea (ou “pós-moderna”). Para construção do debate, selecionamos questões da terceira crítica de Kant sobre a faculdade de julgar *o belo*.

**Palavras-chaves:** Políticas públicas; Estudos Culturais; Estética; Cultura Digital; Extensão Universitária.

---

<sup>1</sup>Historiador, ator e diretor – Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO – Graduando em Bacharelado em Artes Cênicas (Teoria do Teatro) na mesma Instituição de ensino – e-mail: [lucaslealhistoria@hotmail.com](mailto:lucaslealhistoria@hotmail.com) – <http://lattes.cnpq.br/8917115365394606>

## INTRODUÇÃO/MÉTODO

No artigo apresentamos aspectos sobre estética artístico-cultural – suscitando o estudo de caso feito no projeto de Extensão Universitária *Universidade das Quebradas* (UQ), da UFRJ. Quer-se discutir a ideia de cultura na educação a partir dos temas levantados pelo projeto; como por exemplo, a formação de uma rede de movimentos que caminham da cultura para política.

Os dados são base de pesquisa de mestrado em educação, com análises e perspectivas sobre O Plano Nacional de Extensão Universitária (PNEU). Após a regulamentação do documento, o FORPROEX (Fórum de pró-reitores de extensão), toma como base fundamental o princípio que visa a *indissociabilidade* entre ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira.

A pesquisa busca compreender a ideia de cultura na educação a partir dos “círculos de cultura” (Paulo Freire) percebendo novos aspectos com a presença da cultura digital no contexto da animação cultural e o uso do cinema, perspectivas dos Estudos Culturais contemporâneos. Entretanto, neste artigo, suscitam-se questões sobre estética, confrontando características do estudo de caso com a filosofia *kantiana*.

Durante a coleta de dados adotou-se metodologia acadêmica híbrida com: (1) Observação Participante; (2) Entrevistas filmadas (BAUER e GASKELL, 2007); (3) Grupo focal com 8 jovens e adultos que trabalham com a ideia de cinema (filme, vídeos, TV na Internet, e etc.) – escolha que se associa com o momento técnico-tecnológico, inclinado para cultura digital, informatizada, interativa; (4) Análises de leis nacionais, internacionais e documentos regulamentadores da extensão universitária; e (5) Revisão bibliográfica. A metodologia permitiu recolher amplos olhares sobre o projeto, tanto dos educadores como dos educandos – dando voz aos agentes sociais envolvidos.

Como resultado, verifica-se que a estrutura teórico-metodológica do UQ está de acordo com a *indissociabilidade*, reafirmando a extensão como processo acadêmico. No projeto destacamos o diálogo entre comunidades populares e academia, formando agentes críticos, inclusive em relação aos conceitos de estética – tema do artigo.

Dentro do projeto, adquirir competências acadêmicas é fundamental para alcançar a autonomia na perspectiva do cidadão – neste sentido os educandos desenvolvem projeto educativo cultural-artístico como conclusão no curso, que ocorre toda terça-feira, no Colégio Brasileiro de Altos Estudos – prédio da UFRJ, localizado no Flamengo, Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro.

## OBJETIVO

Apresentar análises sobre estética artístico-cultural para entender formas de acesso as novas políticas através da educação a partir das observações e coleta de dados sobre o projeto de extensão universitária *Universidade das quebradas*, da UFRJ.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

*Lyotard observa que, num mundo onde a informação torna-se acessível a qualquer momento e em qualquer ponto geográfico, a função do intelectual como o detentor absoluto de um acervo de informação e saberes, torna-se inócua. Então o que caracterizaria de forma mais perfeita o que se espera da performance intelectual hoje seria um trabalho de articulador especializado da informação disponível. E não mais um depositário desta informação* (Buarque de Hollanda, 2004, p. 7).

Neste artigo vamos discutir conceitos de ‘estética’ artístico-cultural para compreender aspectos políticos, filosóficos e pedagógicos sobre a arte. Suscitam-se inicialmente o pensamento de Buarque de Hollanda (2004), principalmente de um discurso/palestra, a saber; *A contribuição dos estudos culturais para pensar a animação cultural*<sup>2</sup>. As considerações são base para o Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ) com oferta de pós-doutorado em cultura contemporânea.

Queremos, com isso, apontar interesse também em entender melhor a passagem da cultura moderna, para essa contemporânea (ou “pós-moderna”), pensando, é claro, na historicidade (também pedagógica) da questão (estética). Na construção do debate, estético traremos proposições encontradas na parte terceira da crítica de Kant, que estão em diálogo com a faculdade de julgar (*o belo*).

Primeiramente concorda-se com Buarque de Hollanda (IDEM, Ibidem, 2004), quando diz que para entender a “pós-modernidade” é preciso perceber pelo próprio termo as amarras com outro tempo (a modernidade). Se o discurso (pós-moderno) é tão novo e enfático quanto as suas características, isso somente ocorre, pois, suas fundamentações e teorias são base para (des)construção da própria modernidade.

Consequentemente percebe-se hoje uma estrutura social artístico-cultural, que se faz histórica, mas, não se faz independente de sua historicidade. Neste sentido, surge a primeira questão a ser respondida: *A “pós-modernidade”, que se enquadra dentro dos*

---

<sup>2</sup>Conferência proferida no V Seminário Lazer em Debate, Rio de Janeiro, em 2004. Disponível em: [http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/artigo\\_heloisa\\_palestra\\_seminario.pdf](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/artigo_heloisa_palestra_seminario.pdf)

*Estudos Culturais contemporâneos, é uma discussão mais filosófica e teórica para o termo “modernidade”, ou apresenta aspectos pontuais na transformação social?*

Para Buarque de Hollanda “(...) as guerras de descolonização definiram mudanças significativas não apenas no que diz respeito aos súditos externos – ou os “nativos” habitantes das ex-colônias – mas, sobretudo, em relação aos súditos internos destes países – os negros, as mulheres, as minorias” (IDEM, Ibidem, p. 5). Ou seja, para a autora, nos anos 1960, começou-se um período de agitação cultural que movimentou a sociedade global, e, afetaria também as formas de organização dos indivíduos. Data do mesmo período a primeira revolução para educação de pessoas jovens e adultas, os ‘círculos de cultura’, desenvolvidos pedagogicamente/filosoficamente por Paulo Freire, articulando as principais considerações para sujeitos oriundos de classes populares, pelo direito ao letramento.

A própria ideia de linearidade nas *coisas* quebrada pelas transformações da ‘Terceira Geração Industrial’ (IDEM, Ibidem) demonstram que a ‘modernidade’ era marcada pela estabilidade conceitual (da própria ideia de razão). Assim, a forma de se produzir bens, de cultura, de arte, de utilidades, passa a ter mais importância em relação a sua caracterização individual, do que pela utilidade prática ou em relação ao próprio impacto artístico da obra. Além de que, as barreiras geográficas, econômicas e políticas vão ficar estremecidas a partir da consolidação do capitalismo como sistema organizador da sociedade (principalmente depois da Segunda Grande Guerra Mundial).

Quer-se aqui entender um pouco do conceito de cultura hoje, na ideia do mundo “digital”, que também emerge de localidades urbanas discriminadas historicamente, as periferias, as comunidades populares, ou simplesmente, favelas. A cultura periférica, que está entrando ‘em cena’, vem redescobrir os valores sociais de determinado ‘povo’. Mas, *como entender a cultura periférica, dentro de padrões artísticos, que acompanham valores estéticos históricos (cultos/eruditos)?*

Kant (1997) tratou da questão do desinteresse – ao qual liberta a arte de ter que responder as proposições do útil, do que é bom, dando-lhe ao mesmo tempo a ideia do agradável (através de formas e do entendimento delas, o que para Kant seria *o belo*). A primeira definição remete a pensar no que é *belo* – que para Kant é algo que causa no sujeito um prazer desinteressado. Porém, o objeto *belo* é conhecido por um molde de *universalidade*. Mas, *como que um objeto de arte que ‘toca’/atinge (subjetivamente) o sujeito, desinteressado, pode ser algo universal, com padrões e regras?*

O sentimento do prazer que os sujeitos experimentam ao recepcionar uma *bela* obra artística tem esse caráter *universal*. Segundo Kant, isso é possível, pois o sentimento de prazer está ligado ao agradável e é sempre ligado ao sujeito. Ele pegou o agradável e seu conceito – para dizer que há uma regra no conceito de sentimento de prazer. *O belo* estaria, portanto, entre uma zona que atinge o privado e o agradável – que também permite pensar isso dentro de uma *universalidade* conceitual.

Essa zona que não se objetiva somente em conceitos, e sim uma esfera mais subjetiva, dentro do mundo das ideias, na concepção da razão segundo Kant, o que implica objetos supostos, sem limites. Ou seja, esse campo é expresso pelo pensamento, e por isso, não seria conhecimento em si. Para Kant, o ser percebe que cada objeto já possui certa configuração de sentido, ele já apresenta essa comunicabilidade, e é percebendo esta que o sujeito sente *a beleza* da obra. Por isso não precisa pensar em comunicar, ou pensar se é ou não, pois se não nem pensaria. Para o filósofo a simples forma da coisa toca/atinge, não precisa nem pensar o que está por trás *da coisa*, e é isso que se configura *o belo*, ou seja, '*a beleza é finalidade sem fim*'.

Mas, para que isso tenha sentido hoje, na periferia, é preciso antes de tudo entender *o quê* e *para quem* se comunica algo. Para se entender o limite entre beleza, estética, e juízo crítico, ou faculdade de julgar, as transformações técnicas e tecnológicas são fundamentais. Elas pautam novos paradigmas, que priorizam o fácil acesso e difusão de cultura e arte, como a cultura digital.

Seguindo a filosofia *kantiana*, um sujeito livre vai realizar seu ato de liberdade ao pensar, que permite o sujeito realizar sua liberdade, dentro do mundo sensível, social. Este está compreendido também dentro da razão, e as relações apresentam abismos complexos entre os seres humanos (seu mundo de ideia e razão) e o mundo sensível. Mas, é na união de razão e sensibilidade que a humanidade desenvolve suas criações (culturais e artísticas). Se não houvesse esperança dessa união, o homem nem sequer tentaria construir a sociedade. Esta em si tem esperança e expectativa de juntar o racional com o sensível, entre a natureza e as liberdades (também culturais).

A Filosofia de Kant, parte da ideia de investigar a sensibilidade dentro do juízo sintético, *a posteriori*, ou seja, aquele que acrescenta alguma informação, que precisa de outros conceitos para chegar a algo novo, mesmo sendo experiência única. Para serem universais, as experiências, segundo o autor, precisam do juízo analítico, pois com análises o ser estaria validando formas, separando aquilo que vê, interpreta, produz e

reproduz (dando formas estéticas). Tal faculdade, a de julgar, não acrescenta nada aos sujeitos, ele só mostra o que está lá (no mundo sensível), podendo ser *a priori*, pois para analisar não é preciso envolvimento de novos conceitos. Por isso Kant propõe juízos sintéticos, *a priori*, sem depender da experiência.

Mas, *como que é possível fazer uma síntese, a priori, sem a experiência vivida?* Para responder a questão Kant revela que o *Universal* é formado por princípios desenvolvidos em esfera teórica entre o *a priori*, e o *a posteriori*. Há uma questão fundamental, a diferença da *coisa em si* (vontade) e os *fenômenos* – que promove diferença entre razão e sensível. O mundo em que se habita não é o mundo *da coisa em si*, e sim *dos fenômenos* – mesmo sendo para cada sujeito, um modo único, apesar de *universal*. Consequentemente só existem regras no mundo sensível.

Entretanto, conceituam-se certas lógicas dentro do espaço e tempo, funcionando como uma rede que estrutura a sociedade (causalidades – como, por exemplo, compreender que o som só vem depois da queda). Antes de receber a experiência se compreendem *as formas*. Kant afirma essa ideia apontando que não pode haver um *fenômeno natural* que não se enquadre nas regras. Por isso, *a priori* descobre-se como ele vai funcionar. Os juízos sintéticos *a priori* ocorrem por isso, através da intuição, pelo conhecimento *das formas* (mesmo que naturais), o que faz cada indivíduo conhecer *a priori* as regras dos *fenômenos* (também culturais, artísticos, sociais e etc.).

Com isso, o autor confirma que não é possível misturar as esferas sobre o entendimento (mundo sensível) e a razão (agir moral – que pensa as ideias). Essas críticas estão dentro do debate entre *natureza e liberdade* (cultural). Liberdade é uma capacidade humana de contrariar a natureza, inibindo suas inclinações (naturais). Aspecto que demonstra que os *bens culturais*<sup>3</sup> são exclusivamente da esfera conceitual da humanidade (e seus atributos/valores/produções culturais).

Quer-se suscitar debate sobre *o belo*, para entender a estética periférica, dentro da perspectiva da animação cultural, que, conforme constata Buarque de Hollanda (2004) tem relação direta com aspectos do lazer e esporte. Entretanto, para o surgimento da estética, destacamos compreensões suscitadas pela filosofia de Kant, que despertam novas questões, como por exemplo, a distinção entre *beleza e perfeição*. Entre estas, somente *a beleza*, pode ser experienciada como agradável e compartilhada no mundo sensível com a humanidade em seu sentido *universal* (de ser *o belo*).

---

<sup>3</sup>Ver Bourdieu, 1986.

Mas, *Como entender as considerações kantianas a partir do novo paradigma de uma cultura periférica? O que é cultura hoje? e arte? Qual a importância da cultura digital no processo de mudanças conceituais?* Uma saída nos parece o surgimento dos *Estudos Culturais* (década de 1960). Buarque de Hollanda (IDEM, *Ibidem*) afirma que:

(...) é nesse momento, que começam a surgir, na academia, esforços na direção de produzir um conhecimento de natureza primeiro interdisciplinar, em seguida multidisciplinar, e finalmente transdisciplinar. Que são, sem dúvida, esforços louváveis, mas de definição e mesmo de prática não muito claras (p. 6,7).

Assim, ao recorrer filosoficamente a Kant, entende-se esteticamente a arte quando ele a distingue do gosto (sensação de agradável inclusive) revela a *universalidade do belo*, mesmo sendo uma sensação subjetiva/pessoal. Para ele, o gosto se *discute*, mas não se *disputa*. Mas, esse gosto tem ligação somente com a experiência privada, portanto, está em outra esfera de discussão. Schiller (2002) define bem, ao dizer que Kant é um pensador *Iluminista*, e que defende bem o movimento, buscando esclarecimento racional para proposições filosóficas sobre *a natureza das coisas* e as sensações outras que elas despertam.

Encontram-se outras definições de formas (estéticas) ao longo da história da arte. Os modernistas, por exemplo, vão buscar na Arquitetura a forma pura/perfeita, que visava pureza/perfeição em cada estilo e detalhe, mesmo com “economia” dos ornamentos. Na Literatura não vai ser diferente, os gêneros vão estar aliados à maneira de definir estilos (de comunicação) que são considerados ‘corretos’, ou seja, os valores estéticos – entretanto, linguísticos.

É preciso deixar claro que a subjetividade trazida por Hegel (COLLINGWOOD, 1972), ajuda na compreensão da estética moderna. É claro também, que através de Habermas (1990) a racionalidade vai assumir outra forma, e, menos pessimista do que os precursores da escola de Frankfurt. Por tais mudanças, históricas e epistemológicas, Buarque de Hollanda diz que “(...) as disciplinas tradicionais não dão mais conta da complexidade e mesmo da natureza híbrida dos novos objetos de análise que se apresentam no contexto pós-moderno” (2004, p. 6).

Para Kant, que escreve antes da crise das *tradições*, antes do surgimento das *Vanguardas* (e lógico, muito antes de Buarque de Hollanda), o que estava se debatendo sobre *o belo* precisava de um conceito, concreto, objetivo e de certa forma *universal*, assumidos como verdade, herança positivista. Além de que para ele isso é fundamental,

pois, se *o belo* é compartilhado (em juízo), deve existir um conceito. Por isso que *o belo* (como experiência da significação da arte) é acima da ciência (em significados), mesmo que não exista ciência da arte, e sim uma *faculdade de julgar*.

Compreendemos, neste sentido, tal como Kant, que a(s) cultura(s) (as sociedades) possuem valores e tradições. E, sendo *universais* (do mundo ocidental), as artes são transmitidas diferentemente da esfera científica. A arte para Kant parece ir além dos problemas de cultura(s). Não é *universal* como conceito, pois se pode discutir, mas não apresenta certo ou errado, e sim o vivido. Há a *sensação da coisa em si* (ser bela) e da *universalidade* daquela sensação (que tocará/atingirá ou não o sujeito – que se distingue do conceito da faculdade de gosto, mas faz parte do juízo de julgar [a arte]).

Para Luc Ferry (2006) a maior contribuição de Kant foi suscitar formas na arte, como uma espécie de ‘ciência’ (por ter conceitos), mas, distinta da própria ciência, ou seja, a possibilidade da existência do conceito da ‘arte como autônoma’. Por possibilitar ver a arte livre do conceito de ciência, porém, ligada a ideia de *universalidade estética*, do *belo*, a partir de Kant, se percebe ficar a cargo da *estética* o conceito de arte.

Busca-se aqui, entender, historicamente, e, teoricamente, a ideia de cultura e arte, e claro, definições filosóficas sobre a questão. No entanto, vamos pensar nos valores e na estética atual, recorrendo a Kant, localizado em determinado tempo/espço (histórico), percebendo concepções que ajudam no questionamento contemporâneo sobre as obras culturais e artísticas. É possível encontrar, no decurso de investigações, ‘n’ teóricos que falam a respeito da arte. E, desde Platão, muitos buscam ‘verdades’ e ‘mentiras’ nela, mas Kant não, ele buscava conceitos sobre as formas.

No seu trabalho, com influência de aspectos da modernidade, a estética elucida *o belo*, e este, conseqüentemente, possui conceitos, da própria estética, e, jogos (de sentimentos), que o faz subjetivo, mas, *universal*. As obras de arte possuem formas, que causam sensação *de beleza*, mas diferem, no entanto, do conceito de perfeição. Já na “pós-modernidade” Buarque de Hollanda (2004) afirma que “(..) o artista não seria mais o inovador de formas e estilos, mas o articulador criativo e sensível do acervo de formas e estilos que a tradição nos legou.” (IDEM, Ibidem, p. 7).

Portanto, ao surgir à ciência filosófica sobre a estética (depois das ideias de Kant), para teóricos da filosofia hegeliana<sup>4</sup>, a arte começa a morrer. Observa-se isso, pois Kant vai utilizar a lógica filosófica para construir a crítica da faculdade de julgar (*o*

---

<sup>4</sup>Ver Revista eletrônica *Estudos Hegelianos*. Disponível em: <http://www.hegelbrasil.org/revista.htm>



*belo*). Ele usa a *tese* como conceito (regra científica para o entendimento de algo) para afirmar que onde há uma *tese*, há uma *antítese* – que visa pensar uma ideia indeterminada da razão – rompendo com o que outrora fora estabelecido como ciência.

A beleza, portanto, não é o surgimento de uma ideia verdadeira, ou de uma verdade que se encontra na razão, parece o contrário, encontra-se beleza em objetos concretos, no mundo material, que mexem com os sentimentos (o sensível e o racional). Ideia que vem da filosofia Kantiana, e, torna possível o homem lidar/admitir a significação da indeterminação. De certa forma, nossa reflexão, ou (novo) debate sobre cultura(s) e arte(s) tem ligação com a filosofia kantiana, especificamente a terceira crítica, a faculdade de julgar, ato reflexivo (sobre a arte). As outras duas críticas, *razão prática* e *razão pura*, dão regras de como agir, a terceira não, ela se destina a ideia de reflexão. É uma ponte entre razão e natureza – conformidades afins e a imaginação.

É nesta parte do trabalho que o filosófico vai delimitar o estudo estético e teológico, sendo o primeiro aquele de interesse do homem, pois é a conformidade da beleza, com a nossa (*subjéitiva/universal*) e a da natureza. Há ainda, como entender o juízo estético dentro de uma pureza *a priori*, ou seja, que vem antes de uma experiência prática. É certo também que, a terceira crítica de Kant vai dar condições e possibilidades para reflexão, mas *até onde vão essas condições?* É neste ponto que embarga a crítica, que vai tentar explicar a experiência do *agradável* e do *bom*, dentro de jogos de interesses, diferente do *belo* (sensação desinteressada).

Para entender um pouco do que Kant traz de novo, é preciso perceber que a principal ideia dele consiste no desinteresse de quem sente *o belo*, para determinar a beleza do objeto. Ou seja, a comunicabilidade do objeto precede a intenção, e esta é desinteressada/subjéitiva (para quem recebe), porém, *universal*. Neste sentido *o belo* não é o agradável, nem o bom (útil), mas sim uma conjunção entre experiência mental e corporal, sentimentos de vida de cada sujeito, que, ao receber aquele objeto, cria uma relação desinteressada, e, há uma elevação em seu *ânimo*.

Ao entender Kant, e a crítica da faculdade de julgar no contexto da contemporaneidade, têm-se toda a consciência do campo estético. Primeiro porque, como dito, a terceira crítica está relacionada com a capacidade/vontade reflexiva dos seres humanos e suas experiências com os objetos (de cultura e arte). Em segundo porque a produção acadêmica é um saber contextualizado, compreendo a historicidade para obter resultados analíticos, políticos e sociais, de cada período/localidade. Assim,

aquilo que se produz na academia sobre cultura e arte, tal como este artigo, reivindica relação histórica com a estética e a faculdade de julgar (ato reflexivo)<sup>5</sup>.

Mas, *terá sido Kant o precursor ou a própria história desencadeou novas formas de encarar a(s) cultura(s) e a(s) arte(s)? E, a estética periférica deve ser entendida da mesma forma da erudita? Da kantiana?* Bourdieu (1986) aborda o aspecto do *mercado de bens simbólicos*, onde há os valores (para arte) que prioritariamente associam as ideias eruditas como padrão de definição. Mas, a ideia em debate surge a partir da (pós) modernidade (tardia), quando a estética artística já sofreu a influência da filosofia kantiana.

Entretanto, o aspecto da filosofia kantiana, que faz fundamental sua abordagem para contemporaneidade, é acreditar ser possível encontrar respostas para compreensão da cultura na educação dentro do conhecimento científico da estética<sup>6</sup>, associando-a com os Estudos Culturais. Perspectivas acadêmicas, entretanto, que surgem mais a partir da década de 1960, e, tenderia a distanciar-se do contexto histórico sobre a crítica da faculdade de juízo. Mas, ao dissertar sobre “cultura” (e arte) na educação hoje, historicizamos a questão com teorias *kantianas*, assumindo o risco de não compreendê-lo profundamente (processo de “escolhas e abandonos” da pesquisa)<sup>7</sup>.

Estabelecemos também relações com a animação cultural pelas questões estéticas levantadas na abordagem. Buarque de Hollanda (2004) afirma que:

Outra preocupação que me surpreende encontrar de forma tão explícita no debate gerado na área da animação cultural é a preocupação com articulação permanente entre ética e estética e com a historicização de conceitos, demandas e projetos, metodologia, dois pressupostos que são a base teórica da área dos Estudos Culturais. (p.13,14)

Verificou-se, durante o estudo de caso feito no projeto de extensão Universitária – *Universidade das Quebradas* (UQ) – UFRJ, que a estética da periferia assume, cada

---

<sup>5</sup> Os Estudos Culturais apresentam características subjetivas nas proposições levantadas (sobretudo no campo das humanidades e das artes), o que afasta qualquer definição de uma forma única, positivista, com pretensão de alcançar resultados submetidos à prova. Essas abordagens epistemológicas ganham cada vez mais força na academia brasileira, após conquistar espaço na academia europeia e nos EUA. Aqui na América Latina há estudos que apontam para efervescência própria de culturas tidas como populares, que historicamente não eram estudadas no meio acadêmico.

<sup>6</sup> O poder de julgar pertence a todo sujeito, por isso é universal, o que para Kant é julgamento estético, especulativo e prático. Portanto, a investigação crítica do filósofo se refere às possibilidades e limitações das faculdades subjetivas que agem sob princípios formulados e que pertencem à essência do pensamento.

<sup>7</sup> Enxergam-se, no entanto, pontes entre as ideias de Kant (pré-marxista) sobre a estética, com as ideias dos atuais Estudos Culturais (marxistas e pós-marxistas), mesmo com abordagens diferentes, ou seja, compreendendo perspectivas históricas distintas.

vez mais no contexto do Rio de Janeiro (como em outros), responsabilidade conceitual com as novas tecnologias e obras (cinematográficas) de arte. Percebeu-se que o aprimoramento dos equipamentos digitais fez surgir novas formas de produções com mídias (digitais), ajudando na crescente divulgação/criação/difusão/acesso de informações artístico-culturais. Afirmativa que ficou evidente durante o encontro filmado com o grupo focal, onde os jovens e adultos revelaram ver nas mídias amplas oportunidades, citando-a principalmente como ferramenta de divulgação cada vez mais importante para transformar as redes (digitais) de comunicação (inclusive a internet).

Para entender as questões do artigo, é preciso estar atento ao processo histórico, destacando conceituações estéticas, tanto na visão artístico-cultural contemporânea, como na definição filosófica moderna. Esse debate surgiu na pesquisa porque queremos entender conceituações da cultura (cinematográfica) contemporânea, suscitando aspectos históricos do termo. Partiu-se de Kant, como base filosófica sobre estética, para compreensão da relação entre a natureza e a cultura dos homens, inclusive o entendimento da subjetividade nas questões levantadas. Kant afirma que:

A conformidade: a lei universal com a causalidade de uma ideia que limita aquela de uma forma particular, coisa para que a natureza não contém, por si, absolutamente nenhum princípio. Tal possibilidade encontra-se no abstracto supra-sensível da natureza, acerca do qual nada podemos positivamente determinar, a não ser que é o ser em si do qual apenas conhecemos o fenômeno. Mas o princípio: tudo o que admitimos como pertencente a esta natureza e como produto da mesma, também se tem que pensar conectado com ela segundo leis mecânicas, permanece inteiramente válido, pois que, sem esta espécie de causalidade, os seres organizados como fins da natureza não seriam no entanto produtos desta. (p. 375, 376)

Neste sentido, concorda-se com Buarque de Hollanda (2004), quando diz que “(...) uma primeira observação neste sentido é a de que talvez os Estudos Culturais sejam a primeira área de conhecimento visceralmente contextualizada de que temos notícia, ou seja, que só pode ser pensada em função de um dado contexto social e/ou institucional” (IDEM, *Ibidem*, p. 11). Buscamos, nos Estudos Culturais, entender a concepção *kantiana* (sobre o belo), sobretudo por compreender proposições estéticas.

Há é claro, necessidade de considerar que, de Kant até hoje, surgiram outros estudos, inclusive o desenvolvimento da psicanálise, que exerce influência na produção acadêmica. Acredita-se que para conceituar a estética hoje, no contexto de um mundo técnico-tecnológico, em pleno aprimoramento de redes interativas digitais, é também imprescindível o entendimento sobre a faculdade de julgar. Isso porque ela fornece base

para compreender o desenvolvimento da ideia estética, dentro da perspectiva que distingue categorias como: *o belo* (formas e entendimentos, ou seja, com limites), *do sublime* (que é também um juízo estético – com forma – sem limites). Este último também pode ser compreendido como absoluto e/ou infinito, que, segundo Kant, vai chocar os limites da metafísica – uma experiência por isto sempre negativa. Schiller (2002) vai dizer que isto é evidente na expressão artística da tragédia – ou seja, uma possibilidade de arte *sublime*, pressupondo a teoria *kantiana*, seria a tragédia.

Suscitamos breve e complexo debate sobre *o belo*, que para Kant está no objeto, como *o sublime* está em cada sujeito (não na arte) para levantar perspectivas sobre o atual contexto da cultura digital. Como a realidade sensível é relativa, a imaginação da forma aparece com limites e se localiza em determinado(s) espaço(s). Para entender o que hoje se considera dentro da ideia de arte, não que seja fundamental concordar com Kant, mas, é preciso pontuar que suas concepções iluminam considerações sobre os atuais Estudos Culturais. De certa forma, este tipo de estudo acadêmico permite nova(s) concepção(ões) sobre ‘estética(s)’, inclusive a da periferia, que são ‘produtos’/‘obras’ de determinados sujeitos (historicamente excluídos das decisões de valores estéticos/éticos/morais – e que atualmente reivindicam espaço no campo da cultura e da arte – inclusive buscando espaço nas academias universitárias).

Buscando dialogo com reivindicações históricas, destacando a luta dos movimentos sociais (populares), o projeto de extensão universitária *Universidade das quebradas* (UQ) – UFRJ, a partir de 2010, atua como ponte entre academia e periferias, entre educadores de cultura e arte erudita, com educadores/educandos (*quebradeiros*) gestores/receptores/agentes de conceituações/ações de/para/com (as) comunidades populares do Rio de Janeiro. As questões dialogam diretamente com proposições e delimitações de políticas públicas (para cultura e arte) que nos remete também a pensar no campo estético artístico-cultural dentro da educação (tanto popular, quanto erudita).

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS/FINAIS**

O *Impacto e transformação* é quando há o estabelecimento da relação entre a Universidade e Sociedade civil, que visa atuar na transformação de realidades da população. Percebe-se que a implantação do UQ também busca o desenvolvimento regional a partir de políticas públicas que discutem novas formas de acesso à cultura (artística) para comunidades populares. Ao focar a questão de formas de acesso à

cultura contemporânea, o UQ percebeu ser preciso estudá-la em detalhes, e a cada ano, segundo relato das proponentes, é possível formular novas soluções. O intuito, segundo aponta observações é de atuar em *Interação dialógica*.

Desenvolvendo relações entre Universidade e setores sociais, o UQ vem ganhando reconhecimento acadêmico ao pautar-se no diálogo. Aponta interesse na relação de troca de saberes em cada ação, discutindo nos encontros semanais a superação do discurso que considera a produção acadêmica hegemônica. Estes discursos ainda são presentes no meio acadêmico, priorizando concepção ultrapassada da extensão, quando o conhecimento desenvolvido na academia se estende para sociedade no intuito de ser mecanismo opressor – o que evita aliança com os movimentos sociais.

Observou-se também presença marcante da *Interdisciplinaridade* dentro do projeto, pela característica de interação dos modelos e conceitos teórico-metodológicos sobre cultura e arte, com amplo material analítico – trazendo novas formas para trabalho acadêmico, através de metodologias. Essa proposta pedagógica, no entanto, não significa dizer que não se esteja buscando consistência teórica e operacional que estructure o trabalho dos atores do processo social. Este, no UQ, é conduzido pela institucionalidade do projeto, que trabalha na perspectiva de que a cultura contemporânea é construída na interação e inter-relação de organizações (seja governamental ou não), profissionais e pessoas de diversos setores da sociedade.

A estrutura política (e prática) do UQ está de acordo com a *indissociabilidade* - reafirmando a Extensão como processo acadêmico – fornecendo justificativa para o adjetivo “universitária” – quando a ação de extensão está diretamente associada ao processo de formar pessoas. Espera-se, com o projeto, gerar conhecimentos, tendo o educando como agente crítico de sua formação técnica. Dentro do projeto, adquirir essa competência é fundamental para alcançar autonomia cidadã – dando-lhe a garantia dos referidos direitos e deveres durante a elaboração acadêmica do projeto cultural/artístico (atividade de conclusão no curso de extensão, geralmente em grupo).

Portanto, a investigação aponta para articulações interdisciplinares, desde discussões teóricas conceituais (tratadas no trabalho), suscitando temas sobre estéticas e suas manifestações artístico-culturais (históricas), até a questão central sobre formas de acesso as políticas para cultura e arte (focando na interatividade das mídias digitais). Com diálogo direto com a educação popular, as atividades são direcionadas para ações com jovens (e adultos) de comunidades populares através da cultura digital, valorizando

(e validando) a cultura periférica como estética particular que apresenta interesse para as academias universitárias.

#### **REFERÊNCIAS:**

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo, Ed. Companhia das letras, 1992.

BAUER, M.W.; GASKELL, G; ALLUM, Nicholas, C. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2007.

COLLINGWOOD, R.G., **A idéia de história**. Lisboa: Ed. Presença, 1972.

FERRY, Luc. **A leitura dos três Críticos**. Ed. Grasset. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005b.

GATTI, Bernadete. **Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo**. Cadernos de Pesquisa, nº 113, p. 65-81, julho/2001.

GODOY, Rosa M. S. (org). **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2007.

Habermas, Jurgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa, Ed. Publicações Dom Quixote, 1990,

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **A contribuição dos Estudos Culturais para pensar a Animação Cultural**. Licere, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.101-112, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.). **Cultura e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano: considerações sobre o tempo**. Ed. Estampa, 1997.

MELO, Victor. A. de. **Educação estética e animação cultural**. Licere, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.101-112, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cidade, o cidadão, o lazer e a animação cultural.** Licere, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.82-92, 2004.

\_\_\_\_\_. **A animação cultural: conceitos e propostas.** Campinas, SP: Papirus, 2006.

NOVAES, Regina. **Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas.** Revista Sociologia Especial- Ciência e Vida. São Paulo, out. 2007.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RUA, M. G. **Análise de Política Públicas: Conceitos Básicos.** In: RUA, M. G (Org.). O Estudo da Política: Tópicos Seleccionados. Brasília: Ed. Paralelo 15, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas –SP, Ed. Autores associados (coleção memória da educação), 2010.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas.** São Paulo – SP. Ed. Iluminuras, 2002.

SILVA, Jailson de Souza e (ORG.). **O que é favela, afinal?/** Rio de Janeiro: Ed. Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

TOMAZ, Tadeu da Silva; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis – RJ, Ed. Vozes, 2000.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** São Paulo: Ed. Summus, 1997.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo.** Imprensa Nacional – Casa da Moeda Estudos Gerais - Série Universitária - Clássicos de Filosofia, 1997.

YÚDICE, George. **A Conveniência da Cultura. Usos da Cultura na Era Global.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

**PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - Coleção Extensão Universitária - FORPROEX, todos os volumes.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE). **Livro das Juventudes Sul – americanas.** IBASE: Rio de Janeiro. 2010.

Site do projeto: <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/>